

MONTECCHIOS E CAPULETOS DIALÉTICA NEGATIVA E FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Thiago Mota¹

1. Dialética da diferença, diferença da dialética

– Dividir, mesclar. Mesclar, dividir.

– Quem veio primeiro?

– Nem a galinha, nem o ovo. O número um é o dois. E o três também é o dois. O segundo vem primeiro.

E o terceiro não há de chegar senão também como segundo.

– Mas o dois diz: dia-lética!

– Como é o possível que os diferentes se atraiam?

– Para que os diferentes se atraiam é preciso que esses diferentes, por mais diferentes que possam ser, se igualem em algum ponto e precisamente naquele ponto que mais importa, o que possibilita que, apesar

¹ Professor do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: thmotafs@gmail.com.

de diferentes, continuem a se atrair. Ou seja, existe uma igualdade mais profunda do que toda diferença pode ser, sem a qual nada atrair-se-ia...

– Efetivamente não é esse o caso.

– ... logo, algo se atrai: este é o caso, como mostra o princípio científico de que os opostos se atraem, o que condiz com o espírito democrático do nosso tempo...

– Aí, somos nós que já não nos "atraímos".

– O que não precisa implicar que nos "traímos".

– Mas nos "distraímos".

– Precisamos desmoralizar, de saída, a coisa.

– A coisa toda não precisa ser uma redenção.

– Não é preciso que ninguém se renda.

– A questão não é essa, mas: como é possível que os iguais não se "distraiam", por mais idênticos que "no fundo" possam ser? Profundidade maior da diferença, portanto, sem a qual nada "distrair-se-ia".

– Embora não seja propriamente essa coisa de "fundo" o que importa.

– Que se deixe cada um com o seu, ora!

– As coisas, a realidade se distrai, ou mais propriamente, difere, em vez de se identificar. É disso o que o democratismo que impregna a ciência e todo o resto do nosso tempo quer nos impedir de ver.

– ...

– Quanto às prerrogativas argumentativas da ciência, há que se admitir que uma das mais promíscuas das nossas "igualdades" ou, o que é o mesmo, umas das mais identitárias das nossas "diferenças", é precisamente aquela entre democratismo e cientificismo.

– Quer dizer, a ideia segundo a qual a ciência é, por "excelência", e até mesmo exclusivamente, quem pode fornecer-nos os princípios, ou as premissas, a partir das quais devemos pensar?

– Essa vulgata erudita mesma. Não obstante, a ciência pode nos ser muito útil, desde que utilizada como aquilo que ela é, uma ferramenta, algo que opera necessariamente depois dos "princípios", com base em premissas que não, a ciência não extrai dela mesma.

– Inconsciência da ciência.

– É que aqui, neste estrato, que não é o primeiro nem o último, a ciência não pode cantar de galos.

– Nem eu acho que ninguém.

– Aqui neste plano, as coisas devem ser deixadas mais livres, mais livres que “o possível” e, portanto, propriamente possíveis.

– E, sobre o tudo ou sobre o nada, democráticas também.

II. *Montecchios e Capuletos*

– Essa é sempre a ‘primeira impressão’, isto é, precisamente aquela que não podemos deixar que ‘fique’. A questão é: teria Hegel, depois de tudo, tantos mundos e fundos, sístoles e diástoles, ondas peristálticas e intercalações esfinterianas, (‘psiché’)análises e (‘socius’)sínteses, ficado com a ‘primeira impressão’?

– Pois é, não teríamos direito a uma ‘segunda opinião’?

– Pouco importa aquilo com que Hegel ficou ou deixou de ficar. A nós nos importam os milhões de mundos e fundos, os bilhões de divisões e mesclagens, os zilhões de números dois, de mediações, de meios, de dobras, de duplicações, de bifurcações, de ‘deturpações’, de ‘subversões’, de ‘perversões’, que a dialética, de maneira incontornavelmente rudimentar, teve a coragem de, se não mapear, no mínimo, pronunciar.

– Com Hegel e antes dele.

– Com Platão e depois dele.

– Com Zizek...

– O dialeto dialético é, com efeito, mais do que um sotaque, embora não deixe de ser um ‘acento’.

– O problema é que Hegel...

– “Il est débile”.

– É ele quem melhor encarna isso mesmo.

– ... a certa altura da vida e da obra...

– Aliás, talvez mais ainda do que ele...

– Não sejamos condescendentes! A culpa é dele mesmo.

– Enfim, todo o hegelianismo que se produziu a partir dele na história do pensamento ocidental, escolheram como ‘inimigo’ precisamente aquilo que mais ‘amaram’, isto é, a ‘diferença’.

– Um amor enrustido, embargado, daquele tipo platônico, que nunca passa ao ato.

- A ejaculação precoce como forma de evitar o 'ato.
- Um nó na garganta, um choro engolido.
- Uma criança!
- Sim, menino Georg ainda era menino quando terminou a *Enciclopédia*.
- Talvez fosse também menina.
- Ou nenhum dos dois.
- Esse amor infantil, toda essa paixão visceral, todo esse *pathos* do movimento, essa tara pela 'diferença', acabaram e acabarão sempre matando...
- Sempre matam.
- ... o menino Georg, tão presente entre nós na forma do velho, caduco, ultrapassado, antiquíssimo Hegel.
- Esse amor perverso, melancólico, não mata apenas a si mesmo, mas a toda e qualquer 'diferença'.
- Suicida, ultrarromântico, encharcado do "mal do século".
- Romeu exige de sua Julieta que ambos se matem...
- Ao som de *Les amants d'un jour*.
- Com Piaf, é claro.
- ... para que, enfim, sejam só 'um', apesar de todos e de tudo, apesar do mundo e dos mundos, Montecchios e Capuletos.
- Um amor de um só fundo, que também é obviamente um falo, mas que não é capaz de penetrar nem de ser penetrado, pois já não se move mais.
- Tudo já correspondeu.
- A diferença foi pacificada, docilizada, disciplinada, governamentalizada, capitalizada, foi identificada.
- Quietude infinita em que 'já não há diferença'.
- ...
- E por que ainda se meter aí, então?
- Porque, mais ainda do que Aristóteles...
- Que foi quem nos transmitiu a todos a compulsão maníaca de fazer listas.

– De fato, não passamos disso: uns ‘fazedores de listas’.

– ... foi Hegel que...

– Depois de ter perseguido mais do que obsessivamente, paranoicamente, seu odiado amante, do qual fabricou inúmeros fantasmas.

– Multiplicando suas máscaras reais.

– É claro.

– É claro.

– Foi Hegel que nos deu coordenadas espantosa e maravilhosamente detalhadas de todos os pontos de síntese...

– Todos os nós que precisam ser desbloqueados.

– Todas as linhas duras às quais se trata agora de secar, de vaziar, de atravessar mantendo intactas.

– Só para depois voltar e furar de outra maneira.

– Deixar-se pegar, só para depois ‘fugir diferente’.

– Hegel nos oferece em imensa quantidade, em um número realmente gigantesco de ocasiões, a oportunidade de subtrair o princípio da relação.

– Apesar de...

– E por causa de...

– ... ser precisamente isso o que ele busca.

– E nós, cegos, vamos atrás.

– Sem querer, ele instiga a remover o um do dois, a ‘redividir’ a ‘mesclagem’ para pensar a “mistura”, a imundice mesma.

– Fazer a escrita “voltar” à pragmática de dia de semana.

– Fórmula: “escrever a n-1”.

– Como diria Wittgenstein.

– Exato.

– O que menos importa em Hegel não é aquilo que ele mais amava, mas aquilo que mais o impedia de amar aquilo que ele realmente amava: é o um.

– E é disso que, querendo ou não, ‘no frígir dos ovos’, ele menos fala.

– Felizmente.

III. *Parmênides, Heráclito e uma multidão de párias mestiços*

– ...

– Então, sejamos simples: somos todos filhos de Parmênides ou de Heráclito?

– Por certo.

– Desde que aquilo que os gregos depois chamaram de filosofia foi inventado.

– És filho de Parmênides ou de Heráclito?

– Tenho extrema dificuldade em perceber quais seriam “os puros”.

– Como a maioria dos outros, sou um pária mestiço que tentou matar o pai e foder com a mãe...

– ... querendo se tornar Deus dizendo que Deus morreu.

– Com que direito a filosofia pode achar que pensa a totalidade?

– O pensamento que não pensa a totalidade é aquele que exclui de si algo como externo, diferente de si, não totalizável, fragmentado. Para que algo seja realmente externo ao pensamento, realmente diferente do pensamento, não pode ser o pensamento quem decidirá o que é externo a ele. O pensamento não pode saber ou pensar que este algo externo é externo, nem sequer que ele seja.

– Se a filosofia da diferença afirma algo radicalmente diferente do pensamento, ela tem de ser uma filosofia da totalidade e não da diferença. Não faz sentido, portanto, falar em filosofia ou pensamento da diferença, uma vez que esta é justamente o que difere do pensado. A afirmação da diferença, acima de toda filosofia, não pressupõe uma filosofia da diferença, mas da totalidade, que aponte, em negativo, para aquilo que é a diferença, por meio de uma explicação precisa da totalidade do pensamento e do pensado. Não precisamos de uma ontologia da (totalidade da) diferença, mas de uma ontologia negativa (da totalidade).

– Não tem outro jeito, só vamos aprender isso com a teologia medieval.

IV. *Totalidade e diferença*

Monadológica, a filosofia da diferença quer ver no fragmento aquilo que ela não consegue ver no todo. Assim, em lugar de ver no fragmento um todo-parte que compõe outros todos-partes até chegar ao todo-

todo, a filosofia da diferença, na expectativa de ver a parte-sem-todo, o fragmento puro, a pura diferença, não chega a ver nada. Antes que qualquer visão seja possível, a parte-sem-todo já se repartiu outra vez, já se refragmentou, e a filosofia da diferença só viu, de relance, aquele fogo fátuo, o vulto, o fantasma de uma totalidade da qual sempre fugiu. Antes de ver, uma filosofia da diferença foge.

A simetria entre a totalidade e a diferença é mera aparência, seus conteúdos não são intercambiáveis. Multiplicações de todos-partes levam sempre a algo. Espera-se que multiplicações repetidas sucessivamente, no limite, de todos-partes levem à totalidade. A divisão sucessiva de partes-sem-todo, por outro lado, não pode levar a nada, ou antes, só leva a nada. A divisão composta de partes-sem-todo não leva à diferença, mas ao nada.

Pode-se supor que a distinção entre totalidade e diferença seja equivalente à distinção entre ser e nada. Ora, esse não é o caso, pois não se pode trocar o ser pelo nada como se troca uma coisa por outra. Se alguém troca uma coisa por outra, posteriormente poderá trocar esta segunda coisa por uma terceira. Porém, se alguém troca tudo por nada, posteriormente não poderá trocar mais o nada por outra coisa, ou só poderá trocar o nada por nada. Pelo nada, nada se troca. Não se pode trocar nada por nada. Pelo tudo, tudo se troca, até mesmo o nada. Eis aí a assimetria entre o ser e o nada, entre o todo e a diferença.

Querer crer que o nada pode ser trocado pelo tudo significa niilismo. Todavia, só o niilista crê ou cria isso – o nada. A filosofia da diferença quer superar o niilismo, quer ir além da negação, quer ver na negação do tudo, na destruição da metafísica, na desconstrução do discurso acerca da totalidade, a afirmação da diferença. Porém, a mera afirmação da diferença é, última instância, niilista. É uma afirmação do nada, uma afirmação pura que se reverte em uma negação pura.

No entanto, a afirmação da totalidade, que pressupõe a negação da diferença, concebida, todavia, como negação da totalidade, possibilita que a afirmação da totalidade negada, a negação da totalidade, seja, ao mesmo tempo, a possibilidade da erupção da diferença. Se de fato conseguirmos negar a totalidade, o que teremos feito não será a negação da totalidade – felizmente não somos capazes disso (ou será que somos: não seria a bomba atômica uma invenção pós-hermenêutica, isto é, a possibilidade concreta de acionar erupção do nada?) – mas a liberação do terreno necessário à emergência da diferença, isto é, de algo diferente de toda aquela totalidade finalmente negada. A filosofia da totalidade é o estudo das condições de possibilidade da diferença.

A investigação das condições de possibilidade da diferença, isto é, a reconstrução teórica e prática da totalidade só será possibilitação e gênese efetiva da diferença quando a perspectiva da totalidade for levada até as últimas conseqüências, por meio de um experimento de ampliação perspectivista. Só é possível dizer onde se encontram os limites quando se vai até eles – e além deles.

V. *Até que falhe*

Portanto, é preciso levar a perspectiva da totalidade até o seu mais absoluto delírio totalizante porque é exatamente lá que essa ela falha – totalmente. É preciso delinear a borda e tornar-se capaz de brincar à beira do abismo, pois é lá que a perspectiva da totalidade vacila, é lá que está a sua falta e, portanto, seu negativo absoluto, a diferença. À totalidade, sim, mas em nome da diferença!

Essa possibilitação não pode, no entanto, concretizar-se sem uma estratégia de torsão da força do falso, de emprego dos sintomas ou de uso das resistências. Em primeiro lugar, é preciso crer na possibilidade real da totalidade, é preciso estar firmemente convencido de que a realidade é possível e de que foi exposta, pois é só aí que ela se nega. O começo da negação da totalidade não está na mera negação da totalidade: esta é apenas a negação do começo da totalidade. A totalidade só pode ser negada no seu todo se for, em primeiro lugar, afirmada radicalmente, ou seja, com força, convicção, fé e esperança. A afirmação primeira não pode ser cínica. Do contrário, o que será negado no segundo momento não será a totalidade, mas o mais puro cinismo ou uma totalidade cínica.

Em primeiro lugar, é preciso ser filósofo, ter fé no todo, acreditar na totalidade, exatamente, porque e para que essa crença falhe. É preciso que essa crença na totalidade seja bem sucedida para que ela fracasse, pois seu fracasso é seu sucesso. Desde Sócrates, é preciso ser filósofo não porque a filosofia está certa, mas porque ela está errada. É preciso errar erros totais, toda uma errância ontológica, deriva total, fuga metafísica. É preciso, em primeiro lugar, que se creia erráticamente na totalidade. Todas essas condições vêm em primeiro lugar porque são impostas de imediato pela diferença. São múltiplas, mas todas elas remetem a uma condição geral, qual seja, a da totalidade.

Portanto, não se deve excluir nada dessa perspectiva, ou o que é o mesmo, essa perspectiva não pode excluir nada de seu alcance. Não se confundir acerca disso: a afirmação da diferença enquanto exclusão da totalidade não é mera afirmação daquilo que é diferente, mas uma consideração que permite que se exclua daquilo que é diferente o que não é diferente. A simples afirmação da diferença – e quanto mais simples for mais o fará – engendra um sistema de exclusão. Ao invés disso, é preciso, em primeiro lugar, que não haja exclusão, mas inclusão de toda diferença, senão perde-se de vista a totalidade em sua complexidade e, mais do que isso, comete-se um “pecado”. Sabe-se perfeitamente que uma perspectiva universal é impossível, que a inclusão total, o comunismo e o amor são impossíveis, mas exatamente por isso é preciso crer na possibilidade da totalidade. Pois não cabe a nenhuma perspectiva decidir o que se inclui e o que se exclui, quem entra e quem sai, quem está salvo e quem vai para o abate. Embora se sabia que é impossível, precisamos de uma perspectiva que creia que é possível para todos – uma perspectiva da totalidade que é finalmente negada pela diferença.

A decisão entre aquilo que será levado em consideração por esse pensamento da totalidade elaborado na forma de filosofia e o que será descartado não pode pertencer ao pensamento nem a uma filosofia. Do contrário, o que se tem não é filosofia nem pensamento, mas epistemicídio e ontogenocídio. A decisão sobre aquilo que é excluído por ser diferente do pensamento, a fragmentação, não é feita pelo pensamento mas por algo imponderável e externo ao pensamento, por algo impensável porque diferente do pensamento. Para não ser fascista, para não abrir a porta para o totalitarismo, a eliminação total da diferença, o pensamento tem de estar convencido de que é pensamento da totalidade. É quando está de posse total dessa convicção que esse pensamento se engana e que ocorre a diferença, isto é, o evento impensado que com seu impacto fragmenta a totalidade pensada, obrigando-a a se reordenar e a se re-totalizar, até a eclosão de um novo acontecimento.

A filosofia não é a ciência do Absoluto, mas a falha absoluta da ciência ou, o que é o mesmo, ela é a falha do Absoluto, é ali onde o Absoluto falha. Por outro lado, a filosofia não é *da* diferença. *A diferença é que é a falha da filosofia*. Em outras palavras, ela se funda em um engano básico, um erro vital: precisa se fantasiar a si mesma até o fim como pensamento da totalidade para descobrir que era desde o começo apenas um fragmento, demasiado fragmento. Erro básico, engano vital, mentira fundante: “Vá com Deus!” Crença, fé, esperança, força. Um placebo, uma poção mágica: “qualquer coisa que me dê alegria”. Uma ilusão do todo, sem a qual nenhuma diferença é possível.

Se é justo mentir por amor à humanidade? Ora, é falso dizer que a totalidade existe, mas essa falsidade é o que possibilita que tudo exista. Trata-se de uma ficção vital, um delírio de absoluto, infinito, o ponto onde verdade e mentira se engolem mutuamente. Só aí a afirmação da totalidade é emergência imediata da diferença.